

**Cheila Félix: "Tenho que cuidar da minha mãe e dos meus filhos"**

## Na direção, com muito orgulho

Todos os dias, elas deixam suas casas e filhos para garantir o direito constitucional de ir e vir de centenas de pessoas. As trabalhadoras do transporte público urbano vestem o uniforme e vão para as ruas carregar vidas e desempenhar um papel fundamental na dinâmica da cidade. Orgulhosa do trabalho que realiza, com muita garra, Cheila Félix de Sousa, 41, trabalha há 19 anos no ramo. Ela conta que começou como cobradora e demorou alguns anos para tornar-se motorista, ganho de maior orgulho em sua vida.

Mãe de duas meninas, de 20 e 21 anos, e de um menino de 6 anos, ela ex-

plica que hoje é a responsável por cuidar da família, e resalta as dificuldades que tem vivido na pandemia. O medo e a insegurança deram espaço à preocupação com os filhos. Moradora de Valparaíso de Goiás, ela conta que a parte mais difícil foi quando o caçula, de 6 anos, corria para abraçar a mãe, e chorava quando não era retribuído. "Eu chegava em casa, virava uma paranoia. Tirava a roupa antes de entrar, corria para o banheiro, o pequeno da casa não entendia, brigava, chorava. Questionava se eu não gostava mais dele. Ele não aceitava no começo, doía muito, chegava a chorar, mas eu ex-

plicava que era preciso aquele afastamento momentâneo", recorda.

A dor no coração deu espaço à compreensão do caçula, que atualmente pede para a mãe se cuidar. "Hoje em dia ele aprendeu que é perigoso e que tem que se cuidar", diz. A relação criada com os filhos ao longo da pandemia se transformou, e a casa virou espaço de compreensão e amor. "Ser mãe é cuidar. Eu tenho que cuidar da minha mãe e dos meus filhos. Tenho que ser supermãe. É sofrer, porque isso acontece, achando que pode levar o vírus para dentro de casa. Ser mãe é uma luta diária", acredita.

Arquivo Pessoal



**Luciana Cardoso: o amor pela filha é o que dá forças**

## Grávida durante a quarentena

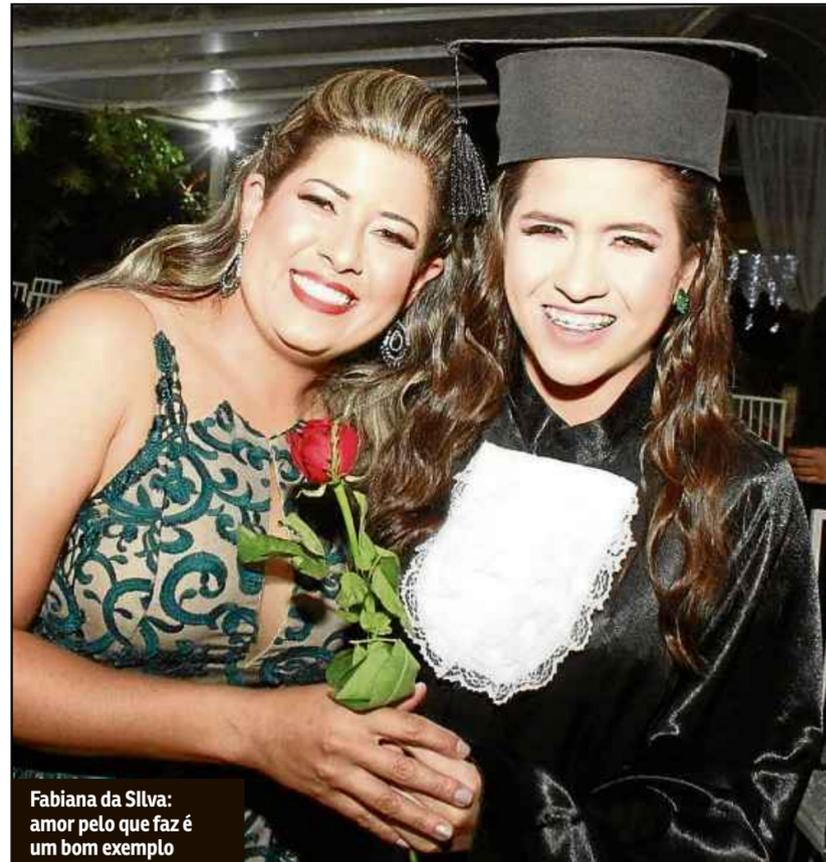
Nada de chá de bebê, visitas na maternidade ou entrar e sair de várias lojas para comprar o enxoval. O ano de 2020 foi desafiador para todo mundo, mas para quem ficou grávida no meio de uma pandemia, as preocupações foram bem específicas. É o caso de Luciana Cardoso do Nascimento, 43, enfermeira da unidade de terapia intensiva (UTI) covid-19, do Hospital Regional de Santa Maria. Mãe de uma menina de nove meses, ela conta que, além de encarar de perto as incertezas da pandemia, precisou enfrentar medos, projetos alterados e privações.

Mas o sonho de engravidar foi maior do que a pandemia. "Quando descobri que estava grávida, fiquei em regime de teletrabalho. Eu tive hipertensão na gravidez, e daí minha filha nasceu prematura, com sete meses", recorda. Após quase dois meses com ela em tratamento na UTI neonatal de Santa Maria, Luciana, moradora do Gama, conta que pegou licença-maternidade e férias.

Ao voltar para o trabalho, na linha de frente, a angústia tomou conta, devido à saúde frágil da filha. "Ela ainda não tinha todas as vacinas. Eu chorava bastante, porque não queria voltar, mas precisava", diz.

O amor pela filha é o que dá forças a Luciana, para lidar diariamente com as dificuldades. "Ser mãe na pandemia é uma mistura de felicidade e medo. Sair todos os dias para cuidar do amor de alguém e deixar o meu amor é algo que muitas vezes me parte o coração, é uma mistura de sentimentos", completa.

Arquivo Pessoal



**Fabiana da Silva: amor pelo que faz é um bom exemplo**

## Fabiana da Silva e a filha: força e determinação

Amar o que faz pode resultar em um bom exemplo para os filhos. Esse é o pensamento da frentista Fabiana da Silva, 35. Moradora de Taguatinga, ela conta que foi uma das vítimas do desemprego na cidade em 2020. Foi nesse momento que precisou lidar com os medos pessoais e ser forte para a filha de 16 anos. Após alguns meses sem trabalhar, ela conta que conseguiu uma vaga como frentista. "Foi um ano de muita dificuldade, lidando com gente que não sabemos se está contaminado. Durante a pandemia, o medo de levar o vírus para nossa casa, amigos, é muito grande", afirma.

Mas Fabiana é forte. Por isso, conseguiu ser exemplo para a filha e ensinou grandes valores. "O que eu posso passar para ela é a educação, ser uma pessoa de carácter, digna, sabendo respeitar as pessoas", garante.

## Exemplo

A rotina para quem é varredora no DF também é difícil. Para Simone Bispo de Oliveira dos Santos, 38, sua função ganhou um novo sentido, uma vez que a limpeza da cidade é ainda mais fundamental em tempos de pandemia. Simone é responsável pelo cuidado com os filhos em casa. "Essa pandemia está difícil, mas o que posso fazer é trabalhar para manter a casa. Se eu não tivesse emprego, não tinha como sustentá-los", conta.

Moradora do Sol Nascente e mãe de dois meninos, de 14 e 8 anos, e uma menina de 18

anos, ela conta que é difícil, mas gratificante. "Sair todo dia é um risco para a saúde dos nossos filhos, mas mantendo os cuidados para não levar a pandemia para casa. A gente fica com o coração na mão, mas tem que ir trabalhar pra dar o sustento", pontua. É por meio do exemplo que Simone procura ser espelho para as crianças. "Eles me ensinam também. Ficamos mais unidos, nos entendemos mais, conversamos, brincamos mais. Ser mãe é uma graça, eles são minhas joias preciosas", diz.

Ana Silva/CB/D.A Press



**Simone Bispo: em busca do sustento**

## Na linha de frente

Seja por vocação, seja por necessidade, ficar em casa não é uma opção para as profissionais da saúde. Além de enfrentar a crise sanitária, precisam, ainda, lidar com as angústias de pacientes, a carga de trabalho doméstica e a saudade dos filhos. O fato é que o combate à covid-19 mudou a vida de muitas mães. É o caso de Regina Soares Vasconcelos, 40, clínica geral do Hospital de Base Vivian. Moradora da Asa Norte e mãe de dois meninos, com 9 e 12 anos, ela compartilha as dificuldades que tem enfrentado.

"A carga de trabalho está muito grande, exaustiva, porque temos muita demanda, é difícil, principalmente para quem é mãe", argumenta. A médica conta que, no ano passado, a família foi contaminada pelo vírus. "No

começo, a gente acha que é super-herói, e que vai dar conta de tudo. Que não vai trazer essa doença pra dentro de casa. Mas fiquei doente e levei a doença para dentro de casa. Foi um baque emocional muito grande, porque você quer cuidar dos seus filhos", lembra.

Enquanto alguns gostariam de sair de casa e ir para as ruas, a médica resalta que o maior aprendizado que teve com a pandemia foi o de valorizar os momentos em casa, com a família. "Eles me mostraram o quanto é gostoso ficar só com eles. Antes da pandemia, a gente chegava em casa e já saía para fazer algo. Agora, eles me ensinaram a importância de ficar junto. Eles me ligavam sempre dizendo que estavam com saudade. Mãe e filho se completam", destaca.

Arquivo Pessoal



**Vivian Regina: "É difícil principalmente para quem é mãe"**